



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS - RIO CLARO




---

LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

---

**RIANNY CRISTINA DE OLIVEIRA**

**UM ESTUDO DE CASO SOBRE A  
ORGANIZAÇÃO ESCOLAR E AS  
RELAÇÕES INTERPESSOAIS DENTRO  
DO ÂMBITO EDUCACIONAL**



Rio Claro  
2010

RIANNY CRISTINA DE OLIVEIRA

UM ESTUDO DE CASO SOBRE A ORGANIZAÇÃO ESCOLAR E AS  
RELAÇÕES INTERPESSOAIS DENTRO DO ÂMBITO EDUCACIONAL

Orientador: Profª Drª Leila Maria Ferreira Salles

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Instituto de Biociências da Universidade  
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -  
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau  
de licenciado em pedagogia

Rio Claro

2010

371.5  
O48e Oliveira, Rianny Cristina de  
Um estudo de caso sobre a organização escolar e as  
relações interpessoais dentro do âmbito educacional / Rianny  
Cristina de Oliveira. - Rio Claro : [s.n.], 2010  
51 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia)  
- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de  
Rio Claro  
Orientador: Leila Maria Ferreira Salles

1. Disciplina escolar. 2. Violência escolar. 3. Ensino  
aprendizagem. 4. Trabalho em equipe. 5. Participação. I.  
Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP  
Campus de Rio Claro/SP

*Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que foi, é e sempre será meu guia. Também a meus pais pelo grande incentivo aos estudos, minha irmã, meu noivo e as grandes e inesquecíveis amigas da universidade, Aline, Gláucia, Juliene e Marília.*

## **Agradecimentos**

*Primeiramente agradeço a Deus, pela dádiva da vida e das oportunidades que me foram proporcionadas, e ainda serão.*

*Agradeço também aos meus pais, minha avó e minha irmã por todo apoio durante esses anos dedicados à universidade e principalmente na reta final, para a entrega dessa pesquisa.*

*Agradeço a meu noivo, Diego, pela paciência, afinal, quem não fica nervoso na entrega do último grande trabalho da faculdade? Mas sempre ficou do meu lado, dando apoio.*

*Muito obrigada às grandes e inseparáveis amigas da facul... Aline, Gláucia, Juliene e Marília. Nunca esquecerei nossos seminários, nossas conversas, entre tantas outras coisas boas que vivenciamos juntas. Somos nota 10!*

*Obrigada aos docentes que proporcionaram grandes momentos de reflexão, discussão e às vezes, medo, afinal “estamos lascados”, como diria um grande professor da UNESP.*

*Obrigada a minha orientadora pela paciência e também conselhos.*

*Enfim, agradeço a todos que torceram por mim e que sempre estiveram do meu lado, física ou espiritualmente, torcendo para que tudo desse certo.*

## RESUMO

Violência assim como organização escolar são assuntos sempre atuais. E para investigar estes dois temas, o presente estudo foi realizado dentro de uma escola estadual do município por ser considerada um modelo de instituição educativa. A análise concentrou-se em descobrir por que algumas instituições são consideradas boas e outras não e como explicar essas “boas relações” dentro da escola pesquisada. Para tanto, primeiramente a escola foi observada em seus vários momentos: entrada e saída de alunos, intervalo e sala de aula. Depois, consultas a documentos oficiais como: Plano de Gestão, Regimento, Normas, entre outros. E, finalmente as entrevistas, dirigidas aos participantes do processo educativo (diretor, professor, funcionário, alunos). Frente a estes dados ficou constatado que para um bom relacionamento é preciso respeito à opinião e a busca por um meio que seja favorável a todos, principalmente no que se refere ao ensino aprendizagem do aluno, ou seja, trabalho em equipe. E como toda instituição tem suas falhas, é preciso maior participação, principalmente da comunidade escolar (pais e familiares).

**Palavras-chave:** \_Violência escolar. organização escolar. ensino aprendizagem. trabalho em equipe. participação.

## **ABSTRACT**

Violence and school organization are always current issues. And to investigate these two issues, the present study was carried within a public school in the city for being considered a model of educative institution. The analysis focused on finding out why some institutions are considered good and others not and also to explain how these "good relations" within the school studied. Therefore, we first observed the school in its stages: entry and exit of students, breaks and classroom activities. Then consult the official documents, such as the Management Plan, Rules, Standards, among others. And finally we interviewed staff, targeting participants in the educational process (principal, teacher, staff, students). Facing this data we verified that a good relationship is needed on the beliefs and the search for a favorable environment is the aim for everyone, especially regarding to teaching-learning processes of a student, that is: teamwork. And as every institution has its flaws, we need greater participation, especially of what we call school community (parents and relatives).

**KEY-WORDS:** School violence. school organization. teaching-learning processes. Teamwork. participation.

## SUMÁRIO

	Página
1. INTRODUÇÃO.....	5
2. SOBRE VIOLÊNCIA E ORGANIZAÇÃO ESCOLAR.....	7
2.1. Violência na atualidade.....	7
2.2. Violência e Escola.....	10
2.3. Organização Escolar e seus atores.....	14
3. A ESCOLA ESTUDADA E SEUS DOCUMENTOS.....	19
3.1. A Escola: Alguns Aspectos.....	19
3.1.1. Localização: Sobre o bairro.....	19
3.1.2. Clientela Escolar: Os Alunos.....	20
3.1.3. Os familiares e os alunos.....	21
3.1.4. Professores, gestores e demais funcionários.....	23
3.1.5. Recursos da instituição.....	24
3.1.6. Prédio Escolar: Área Física.....	25
3.1.7. Conservação Escolar.....	25
3.2. A Escola Estudada e a Violência.....	26
3.2.1. Quais são os conflitos?.....	27
3.3. Observação da Escola.....	28
3.3.1. Entrada e saída dos alunos.....	28
3.3.2. Sala de aula.....	30
3.3.3. Intervalo: a hora do recreio.....	31
3.4. As Entrevistas.....	31
3.4.1. A entrevista com o diretor e o coordenador.....	32
3.4.2. A entrevista com o professor.....	36
3.4.3. A entrevista com os alunos.....	39
3.4.4. A entrevista com o inspetor.....	43
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48



## 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de caráter qualitativo define-se como um estudo de caso tendo início no ano de 2009. Para tanto, foi interesse de este estudo investigar de forma aprofundada uma escola do município de Rio Claro. Analisou-se as relações estabelecidas dentro da escola, tendo em vista o funcionamento institucional e sua organização. Observar a organização escolar e as relações interpessoais estabelecidas dentro do âmbito escolar é extremamente necessário uma vez que são aspectos que determinam em grande parte o processo educativo.

E não só isso, é necessário também observar que muitas vezes, em um mesmo bairro, uma escola é classificada como boa e outra como problema, apesar de receberem a mesma clientela e atenderem a mesma faixa etária, entre outros fatores.

A partir dessas afirmativas surgiram as questões: Por que algumas escolas são consideradas violentas e outras não? Como explicar essas “boas relações” dentro dessa escola? E, em conjunto com as perguntas, nasceram os objetivos da pesquisa, como identificar os fatores percebidos como determinantes para que uma escola seja caracterizada como não violenta e analisar como as relações dos educadores (diretores, professores, agentes, etc.) entre si, entre eles e os alunos e as estabelecidas entre os próprios alunos, se manifestam no espaço escolar.

Procurando entender o porquê algumas instituições são definidas como boas e outras como ruim, percebo que, em grande parte, isto tem a ver com as relações estabelecidas entre os educadores, entre eles e os alunos e também com a família, entre outros motivos relevantes.

A instituição escolhida é estadual e localizada em um bairro considerado pela população da cidade como violento.

O estudo começou com bate papos (conversas informais) com os frequentantes da unidade educacional em questão, observações de alguns ambientes escolares como: as salas de aula, a entrada e saída dos alunos e o intervalo.

Foram realizadas consultas a documentos oficiais do estabelecimento, como o Plano de Gestão (muito utilizado), e o Plano Pedagógico (pouco utilizado, pois parte dele consta no Plano Gestor), Regimento Escolar e as Normas de Convivência, entrevistas previamente elaboradas e dirigidas diretamente aos

participantes do processo educativo (aluno, direção e/ou coordenação, professores e outros funcionários).

## 2. SOBRE VIOLÊNCIA E ORGANIZAÇÃO ESCOLAR

A seguir serão tratados os temas violência e organização dentro do ambiente escolar. Este assunto, além de atual, é muito complexo, pois trás uma infinidade de perspectivas, teorias a seu redor.

Mesmo com estas afirmativas, este estudo visa ao menos à tentativa de, esclarecer esta temática tão presente em nosso cotidiano.

### 2.1. Violência na atualidade

Caracterizar o termo violência não é tarefa fácil. Muitos teóricos falam sobre o assunto. Dentre eles, existem inúmeras hipóteses e ideias sobre o conceito desta palavra.

No dicionário Priberam<sup>1</sup>, violência significa

1. Estado daquilo que é violento. 2. Acto violento. 3. Acto de violentar. 4. Veemência. 5. Irascibilidade. 6. Abuso da força. 7. Tirania; opressão. 8. *Jur.* Constrangimento exercido sobre alguma pessoa para obrigá-la a fazer um acto qualquer, coação.

Diante da definição acima citada, percebe-se uma forte tensão para o físico ou psíquico, ou mesmo ambos.

Alguns autores utilizam a concepção da violência como sendo o emprego desejado de agressividade com fins destrutivos, onde existe o desejo de destruição. (Candau, 2001, p. 20).

A violência volta-se a aniquilação do outro, desrespeito, em vários planos como o físico, psicológico ou ético. (Candau, 2001, p. 20).

Em Velho (2000), a ameaça já é uma dimensão da natureza da violência, trazendo a idéia de poder, imposição da vontade, definição que é apontada também nos dicionários consultados.

Outra definição consultada foi a do site Wikipédia<sup>2</sup>, onde

---

<sup>1</sup> Este dicionário foi consultado através da internet e sua fonte consta nas referências bibliográficas deste estudo.

<sup>2</sup> Este site foi consultado através da internet e sua fonte consta nas referências bibliográficas deste estudo.

Violência é um comportamento que causa dano a outra pessoa, ser vivo ou objeto. Invade a autonomia, integridade física ou psicológica e mesmo a vida de outro. É o uso excessivo de força, além do necessário ou esperado. O termo deriva do latim *violentia* (que por sua vez o amplo, é qualquer comportamento ou conjunto de deriva de *vis*, força, vigor); aplicação de força, vigor, contra qualquer coisa ou ente.

Salles e Paula e Silva (2008) colocam a visão de Gilberto Velho (2000)

a violência não se limita ao uso da força, mas a possibilidade ou ameaça de usá-la constitui dimensão fundamental de sua natureza, associando-a a uma ideia de poder, quando se enfatiza a possibilidade de imposição da vontade, desejo ou projeto de um ator sobre o outro. (p. 157).

A violência não está só no uso excessivo da força, mas também no psíquico, uma violência simbólica.

Em geral, violência é conceituada como um ato de brutalidade, física e/ou psíquica contra alguém e caracteriza relações interpessoais descritas como de opressão, intimidação, medo e terror. A violência pode se manifestar por signos ou por símbolos, preconceitos, metáforas, desenhos, isto é, por qualquer coisa que possa ser interpretada como aviso de ameaça, o que ficou conhecido como violência simbólica. (Salles, Paula e Silva, Castro, Villanueva e Bilbao, 2008, p. 156)

A banalização do sentido de violência nada mais é do que o não reconhecimento de alguns atos como violentos, que passam a ser considerados comuns, normais, por estar sempre presentes no cotidiano da sociedade. (Salles, Paula e Silva, 2008, p. 156-157). (Candau, 2001).

E não só pequenos atos, como uma ofensa, etc., a violência está tão intrínseca no cotidiano dos indivíduos, que atos tidos como de extrema brutalidade já começam ou estão banalizados como assassinatos, agressões físicas (principalmente a violência contra as mulheres), seqüestros (inclusive os “relâmpagos”), e outros inúmeros.

Hoje, se encontramos algum indivíduo caído nas ruas, não mais paramos para o socorro, pois isso pode ser a premissa para um assalto ou mesmo seqüestro.

Somos reféns do medo, da insegurança. A mídia televisiva e jornalística nos mostra diariamente as manchetes de primeira página ou dos mais conceituados

jornais da TV diversas notícias: criança de dois anos é vítima de pedofilia, menina é assassinada pelos pais, J.F.C<sup>3</sup>. é vítima de seqüestro relâmpago, mais um ônibus incendiado durante ataque do PCC, morre mais uma mulher, vítima de violência doméstica.

Esses são apenas exemplos do que encontramos na TV e nos jornais, notícias de impacto, as quais nem tanto abalam mais. Parece que se tornou rotina, assim como acordar, escovar os dentes, tomar o café e sair para o trabalho.

Para explicar a violência e principalmente a sua banalização, se fala muito da pobreza, má distribuição de renda, desemprego, narcotráfico, etc. (Candau, 2001, p. 20).

Mas esses fatores sozinhos fazem parte sim, mas sozinhos não explicam essa banalização, pois o universo da violência não está concentrado apenas nas periferias, as elites também.

Salles e Paula e Silva (2008) apontam como causas da violência a exclusão na convivência escolar, assédio do narcotráfico, relações de trabalho e exclusão social, condições familiares, questões de ordem política como a ausência de controle policial e impunidade social, entre outros.

Guimarães (1996) coloca explicações de Maffesoli sobre o assunto, onde ele destaca três modalidades da violência

A violência dos poderes instituídos, referindo-se aqui à violência dos órgãos burocráticos dos Estados, do Serviço Público... a “violência anômica”, que, para o autor, parece ter uma função fundadora, e “a violência banal” que está ativa no que o autor chama de “resistência da massa”. (p. 9).

A violência é então multideterminada e não está restrita a determinados espaços (como o urbano) e nem a uma classe social (a pobreza). (Salles e Paula e Silva, 2008, p. 156).

Além da banalização, querendo designar a violência apenas às classes sociais mais baixas, se está colocando o jovem (principalmente os de periferia) como protagonista, porque ele está em desenvolvimento, com os hormônios “trabalhando a todo vapor”, querendo se “impor” (delimitar o seu espaço), entre tanto outros aspectos, ele está à procura de sua identidade.

---

<sup>3</sup> Iniciais de nome colocadas apenas para exemplificar as manchetes noticiadas.

Por este fato, é interessante dissertar sobre a escola também, pois ela é um dos principais ambientes onde esse jovem passa grande parte de seu tempo (como as escolas de tempo integral do Estado de São Paulo).

## 2.2.VIOLÊNCIA E ESCOLA

A imagem, entre nós já quase idílica, da escola como lócus de fomentação do pensamento humano – por meio da recriação do legado cultural – parece ter sido substituída, grande parte das vezes, pela visão difusa de um campo de pequenas batalhas civis; pequenas, mas visíveis o suficiente para causar uma espécie de mal-estar coletivo nos educadores brasileiros. (Aquino, 1998, p. 7-8).

A relação violência e escola é algo que vem preocupando muitos estudiosos de um modo geral.

A violência interligada à escola não é algo novo, mas suas formas são novas como aponta Charlot (2002, p. 432).

Primeiramente surgiram formas de violência muito mais graves que outrora: homicídios, estupros, agressões com armas... Em segundo lugar, os jovens envolvidos nos fatos de violência são cada vez mais jovens... Em terceiro lugar, assiste-se, há alguns anos, a um aumento do número “de intrusões externas” na escola: ...bandos de jovens que vêm acertar, na escola, constas das disputas nascidas no bairro... Em quarto lugar, os docentes e o pessoal administrativo da escola, nos bairros problemáticos, são, às vezes, objetos de atos repetidos, mínimos, que não são violências em si mesmos, mas cuja acumulação produz um estado de sobressalto, de ameaça permanente... (p. 432-433).

Charlot (2002) faz três distinções conceituais de violência relacionada a escola:

A violência *na* escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local. A violência *à* escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violências que visam diretamente à instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência *da*

escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas...) (p. 434-435)

As manifestações da violência dentro do ambiente escolar são várias.

Assim como aponta Charlot (2002), Candau (2001) também fala da interferência dos grupos externos (gangues utilizando o espaço escolar para solução de pendências com grupos rivais); da depredação escolar: atos de vandalismo, como a quebra de louças das instalações sanitárias, o furto de lâmpadas e outros materiais, e as pichações; as brigas e agressões entre alunos, insultos que ocorrem com frequência; as agressões entre os alunos e os adultos (agressões e ameaças feitas aos professores e aos alunos); a violência família (sofrida por crianças e adolescentes fora dos muros da escola). (p. 28-36).

Dentro da escola, percebe-se a violência através do desrespeito ao outro, na transgressão aos códigos de boas maneiras e à ordem estabelecida. (Salles e Paula e Silva, 2008, p. 151).

A violência no contexto escolar também pode ser desencadeada pelos estereótipos dos adultos em relação ao jovem e ao adolescente e pelos preconceitos, discriminações e estigmas que, embora sejam de origem social, adentram o espaço escolar. (in: Salles, Paula e Silva, Castro, Villanueva, Bilbao, 2008, p.17).

Paula e Silva e Salles<sup>4</sup> comentam sobre a visão dos professores, de que a violência nas escolas está aumentando quantitativa e qualitativamente, e os tipos mais frequentes são as ameaças e agressões verbais entre os próprios alunos e entre eles e os adultos. (p. 3).

A violência cresce entre os próprios alunos. A violência entre iguais, na forma de maltrato escolar, se torna uma preocupação que vai além das conseqüências que tem para o funcionamento da instituição. E a violência dos professores em relação aos discentes aparece na forma de maus tratos tanto físicos como psicológicos. (p. 4).

---

<sup>4</sup> Este texto foi consultado através da internet e sua fonte consta nas referências bibliográficas deste estudo.

Segundo Sposito (2001), os principais fatores apontados para o desencadeamento dessa violência dentro das escolas são

A instabilidade social, a insegurança, o tráfico de drogas, a falta de perspectiva de um futuro prospero, a falta de investimento nas escolas públicas. A ausência de projetos pedagógicos capazes de absorver a nova realidade escolar, o tamanho das escolas para determinados números de alunos e as experiências vivenciadas pelos alunos fora da escola. (in: Vale e Salles<sup>5</sup>, p. 11159).

As relações entre os indivíduos são determinadas socialmente, sendo que cada um tem sua identidade que é delimitada de acordo com as circunstâncias históricas, culturais e sociais do ambiente em que está inserido e por suas experiências. (Salles e Paula e Silva, 2008, p. 151).

Desta forma, a sociedade caracteriza as pessoas através do que considera comum, natural para cada grupo social (faixa etária, status social). A partir disso nascem os estereótipos, o preconceito, pois se faz um pré julgamento dos indivíduos, através das normas de comportamento que são impostas e que devem ser seguidas. (Salles e Paula e Silva, 2008, p. 155).

Os indivíduos que não se enquadram nessas normas e não tem atitudes de acordo com elas são tidos como diferentes, o que acaba os reduzindo a estigmas.

Muitas vezes os jovens são reduzidos a estereótipos que são construídos em relação a ele e que podem promover conflitos entre estes e o mundo adulto, no caso direção, professores e funcionários da escola, bem como entre os próprios jovens. (p. 155).

A violência, como já citado, não é reduzida apenas ao ambiente da periferia e nem as classes mais baixas, a classe média e a elite também praticam atos violentos.

Camacho (2001, p. 9-15) fez uma pesquisa com duas escolas consideradas modelo por não serem violentas, uma pública e uma privada.

Na escola privada, as vítimas são excluídas por serem diferentes da maioria. Por se tratar de uma escola privada, os jovens da elite se achavam no direito de menosprezar os bolsistas, os que usavam roupas diferentes, os de raça diferente, os homossexuais, formas do corpo diferente, enfim, aqueles que não são iguais a

---

<sup>5</sup> Este texto foi consultado através da internet e sua fonte consta nas referências bibliográficas deste estudo.



maioria. Uma violência mascarada (que acontece dentro da sala de aula, com os professores presentes), a intolerância ao diferente, que muitas vezes é confundida com indisciplina, por isso, geralmente fica impune.

Na escola pública, os violentos são os agressores (os homossexuais, os negros, os maus alunos, etc.), que por se sentirem rejeitados, demonstram sua indignação, agredindo aqueles que os agrediram primeiramente. Essa violência é explícita, ocorrendo no pátio da escola, quando geralmente não tem um adulto perto. A violência explícita é controlada nas escolas por meio de punições. (in: Salles e Paula e Silva, 2008, p. 158).

Se as pessoas são diferentes, porque essas diferenças não são problematizadas no ambiente escolar?

Se existem diferentes culturas, raças, crenças, religiões, entre tantas outras, porque não trabalhá-las?

Os PCNs trazem informações do que acontece nas escolas, dizendo que

A escola se omite frente a pluralidade cultural criando uma expectativa de homogeneidade cultural e aceitando o mito da democracia racial onde prevalece a ideia de um Brasil sem diferenças... Nas escolas costuma-se hierarquizar as culturas tomando a cultura branca européia como padrão. (Salles e Paula e Silva, 2008, p. 159).

Dubet (2004) nos remete as situações que acontecem dentro das escolas da atual sociedade democrática em que vivemos, onde se tem como princípio de justiça o mérito. Sendo assim, a escola torna-se um ambiente justo porque o indivíduo pode obter sucesso em função do trabalho e qualidades. (p. 541).

A justiça está na questão de todos terem a mesma oportunidade, o acesso à escola. Então todos podem entrar numa mesma competição, onde quem consegue bons resultados, certamente colherá bons frutos.

Essa, na verdade é uma ideia errônea, pois como comparar o ensino de uma escola pública com o de uma escola privada na atualidade?

Sabe-se que, nos dias de hoje, o ensino público voltou-se a formação profissional, para o trabalho, isso tanto na esfera pública como na esfera privada. A diferença consiste simplesmente no fato do tipo de preparação: no setor público, o profissional deve ser treinado para servir, vagas para serem chefiados pelos

profissionais preparados pelo setor privado, pois estes últimos tiveram um longo percurso, e uma melhor preparação.

São fatos como estes que revoltam as camadas menos favorecidas, trazendo à tona a violência, que é também a expressão da impotência (Arnoud e Damascena, in: Candau, 2001, p. 22). Impotência essa em relação a essas desigualdades, a de classe social, da má distribuição de renda, da educação, entre tantas outras.

Para entender melhor a violência que ocorre dentro das escolas, se faz necessário entender também a organização escolar, como se dão as relações entre os vários envolvidos no processo educativo. O próximo tópico desta pesquisa disserta sobre o tema.

### **2.3. Organização escolar e seus atores**

O termo cultura é definido pela Wikipédia como

... práticas e ações sociais que seguem um padrão determinado no espaço. Refere-se a crenças, comportamentos, valores, instituições, regras morais que permeiam e identificam uma sociedade. Explica e dá sentido à cosmologia social. É a identidade própria de um grupo humano em um território e num determinado período.

Quando falamos em cultura logo vem a mente crenças, religiões, política, sociedade, raça, valores morais e éticos, entre tantas outras coisas.

Assim como definir violência não é algo fácil, definir cultura também não. É algo amplo, pois se pararmos para pensar, tudo a nossa volta é cultura. As relações interpessoais, a cor de pele, a preferência sexual, as diferentes opiniões que cada indivíduo tem, a moral, a ética, enfim, tudo.

A cultura não é algo imposto e sim desenvolvido no curso da interação social. (Lanzoni, 2005, p. 20).

Relacionando cultura com cultural organizacional, Levi-Strauss conceitua todas as culturas em linguagem e códigos, onde ela tem a função de prover os grupos ou nações de um referencial que permitiria ao homem dar sentido ao mundo e às suas ações. (in: Paula e Silva, 2001, p. 126).

Quando falamos de cultural organizacional, geralmente a primeira ideia que vem a mente é a questão administrativa ligada ao lado empresarial, onde podemos

observar as grandes organizações. Mas cultura organizacional não fica restrita ao mundo dos negócios.

Entendendo as organizações como criação humana, compreendeu-se que é na subjetividade humana que se deve entender a realidade da escola. (Lanzoni, 2005, p. 20). Não apenas propor críticas negativas ao ambiente, mas procurar entender como se dão as relações dentro da escola.

Quando falamos em cultura organizacional (a organização escolar), não se pode deixar de lado hierarquia, autoridade e participação. (Paula e Silva, 2001).

As concepções de autoridade, hierarquia e participação, compartilhadas pelos diferentes segmentos participantes das escolas, criam culturas diferenciadas em cada escola, em termos de organização e relações que diferenciam o processo educacional. (p. 129).

A escola, como organização burocrática, tem em sua estrutura um corpo de princípios e valores dados pelo sistema educacional, por meio de leis, decretos e papéis formalmente estabelecidos, e um outro corpo de princípios e valores construídos e reelaborados no seu interior, pelos participantes do processo educacional. Esse corpo de princípios e valores é constituído na cultura da organização escolar e direciona grande parte das interações presentes nessa cultura. (Paula e Silva, 2001, p. 126).

Os papéis, as leis, são os mesmos, mas as relações interpessoais que ocorrem não. Mas adiante, atentaremos a esse fato.

Arendt (1972), trás a questão da crise da autoridade no mundo moderno.

...a autoridade sempre exige obediência, ela é comumente confundida com alguma forma de poder ou violência. Contudo, a autoridade exclui a utilização de meio externos de coerção, onde a força é usada, a autoridade em si mesma fracassou. (p. 128).

A autoridade deve ser aceita, reconhecida e não imposta. Quando há a legitimação da ordem social, não existe a necessidade de coerção ou persuasão.

A autoridade não deve ser confundida com autoritarismo e menos ainda com tirania.

A diferença entre tirania e governo autoritário sempre foi que o tirano governa de acordo com seu próprio arbítrio e interesse, ao passo que mesmo o mais draconiano governo autoritário é limitado por leis... A origem da autoridade no governo autoritário é sempre uma força

externa e superior a seu próprio poder; é sempre dessa fonte, dessa força externa que transcende a esfera política, que as autoridades derivam sua “autoridade” – isto é, sua legitimação – e em relação à qual seu poder pode ser confirmado. (p. 134).

Paula e Silva (2001) diz que o ponto comum de quem manda e de quem obedece, numa situação de autoridade, é a hierarquia, cuja legitimidade ambos reconhecem. Portanto, quando tratamos da autoridade, trataremos também da hierarquia.

Pensando as ideias de Arent (1972), dentro da escola, se falta o respeito do aluno para com o professor ou diretor, e mesmo do professor para com o diretor, a relação conflituosa que segue é um sinal de questionamento da autoridade.

Diferentemente da visão de Arent, Lobrot (1977) diz que a autoridade só acontece pela repressão ou coerção. Um sistema que permite alterar a vontade do outro, curvando-a no sentido do que se deseja. A autoridade deve inspirar o respeito, pois este faz com que os outros se distanciem, confirmando a autoridade, que se fortalece com a recusa da familiaridade. E através de que essa autoridade é legitimada? Através da hierarquia.

Thompson (1967) diz que a hierarquia é um sistema de funções (subordinação e chefia) organizadas numa espécie de corrente (uma função subordinada à seguinte). Uma relação verticalizada, onde um manda e o outro obedece. Os superiores concentram a maioria dos direitos, enquanto que os subordinados, os deveres. (p. 57).

Para que as funções hierárquicas sejam bem executadas deve haver harmonia no relacionamento entre superiores e subordinados.

Essa relação hierárquica faz parte da organização burocrática, que é dada pelos cargos. Sendo assim, quando a escola passou à organização burocrática, ela tomou para si o sistema hierarquizado, tendo influência das teorias gerenciais e de qualidade total. Dentro da escola pública (municipal ou estadual) existem concursos públicos para preenchimentos dos cargos (professor, diretor, agentes, etc.)

A autoridade, a hierarquia e a participação que ocorrem através das relações entre os diversos envolvidos no processo educacional são legitimadas por diferentes elementos. Seguindo esta ideia, a autoridade da relação professor-aluno é legal pela formação que o primeiro possui, e na relação professor-diretor, é pelo cargo que o primeiro ocupa. (Paula e Silva, 2001, p. 132).

E assim em diante (para com os demais participantes da escola).

Pode-se considerar que a desigualdade do aluno em relação ao professor encontra-se no reconhecimento do saber do qual o professor é detentor; a desigualdade do diretor em relação ao professor reside na função articuladora dos diferentes saberes que se encontram presentes na escola. Outros elementos poderiam caracterizar a desigualdade que legitima a relação de autoridade e hierarquia, como a legal-burocrática, ou o saber conferido por um diploma. (p. 132).

Portanto, dentro da escola, se tem utilizado a autoridade e a hierarquia como fonte de desigualdades, onde um quer ser mais que o outro, um quer mandar mais que o outro, uma justificativa para a discriminação, pois o outro está abaixo, é o subordinado. E quando se chega ao ultimo nível, onde não se teria quem “humilhar”, a desigualdade concentra-se entre os iguais mesmos.

Para muitos (para não dizer todos), a escola é vista como um local de possível ascensão social.

... Pouco a pouco, a partir dos anos 60, a escola tornou-se o meio mais seguro de ter, mais tarde, “uma boa profissão”, ou mesmo, muito simplesmente, um trabalho. Hoje a possibilidade de encontrar trabalho e, ainda mais, a de encontrar um “bom trabalho” (interessante, bem pago, bem situado na hierarquia social) depende do nível de êxito na escola. Por conseqüência, esse êxito é um ponto de passagem obrigatório para ter uma vida “normal” e, ainda mais, para beneficiar-se de uma ascensão social. Em outros termos, é sua vida futura que os jovens jogam na escola. (Charlot, 2002, p. 440).

A escola passa de transmissora de conhecimentos e de seleção social (Barrere e Martuccelli, 2001, p. 258) à detentora do futuro profissional dos jovens.

Mas afinal quais as funções dos atores do processo educativo?

Os participantes não são apenas aqueles que estão dentro da escola, mas sim toda a sociedade. Diretores, coordenadores, professores, agentes, merendeiros, alunos, familiares, governo, etc. Todos estão envolvidos nesse processo e exercem suas funções.

O diretor administra a escola em todos os aspectos (pessoal, econômico, político). Organiza, superintende, coordena e controla. Possui certa autonomia, mantendo contato direto com a secretaria de educação. Aprova o plano de gestão. Ele manipula todos os aspectos burocráticos da escola, estimula o desenvolvimento

profissional dos servidores, possibilita atendimento adequado aos alunos, pais, professores, comunidade e demais funcionários, promove a integração entre escola e comunidade.<sup>6</sup>

Os docentes (professores) não tem somente a função de transmitir o conhecimento aos discentes (alunos), mas há também trocas de experiências. Ele deve transmitir os conteúdos básicos, mas adequando-os a realidade do aluno.

O coordenador tem um trabalho direto com o diretor e com os professores e com os alunos. Basicamente ele tem a função de orientador e mediador, uma vez que sempre está em contato com os docentes e principalmente estudantes, mediando e orientando as situações conflituosas. O coordenador auxilia muito o diretor, pois esse, na maioria das vezes acaba por ficar demasiadamente ocupado com as questões de cunho burocrático (a papelada em si).<sup>7</sup>

Os agentes, agora cargo denominado agente de organização escolar, dividem-se em inspetores e secretaria. Os inspetores atuam mais diretamente com os alunos, geralmente como cuidadores, monitores, que observam os alunos em momentos fora da sala de aula (entrada e saída, intervalo, idas aos sanitários.). Dentro da secretaria, os agentes atuam em conjunto também com o diretor, mas especificamente com a burocracia dos papéis (matrículas, transferências, históricos, folha de pagamento dos funcionários, etc.).<sup>8</sup>

Os merendeiros são responsáveis pela alimentação dos estudantes.

Os alunos são o centro do processo educativo, tudo gira ao redor deles. Sua função, além da assimilação dos conteúdos é contribuir para a melhoria da qualidade da educação, assim como todos os demais envolvidos no processo educativo.

A família também compõe a comunidade escolar (assim como nós) e sua função é tão importante quanto à dos outros já citados. Tem a função de acompanhar o desenvolvimento escolar dos filhos e trazer suas contribuições pessoais para a educação.

O governo tem a função de prover um ensino de qualidade e igual para todos (mas o desinteresse no provimento é maior do que o dever).

---

<sup>6</sup> Texto sobre atribuições e competências do diretor cuja fonte é desconhecida.

<sup>7</sup> Conceito encontrado na entrevista que consta no próximo capítulo desta pesquisa.

<sup>8</sup> Conceitualizado por mim, analisando o tempo que exerci a função de agente de organização escolar em uma escola estadual do município de Cordeirópolis. (Trabalhei como inspetora e também dentro da secretaria).

### **3. A ESCOLA ESTUDADA E SEUS DOCUMENTOS**

Os tópicos que seguem trazem informações da escola escolhida dentre tantas outras unidades educacionais do município.

Para essa análise, foram consultados, além dos papéis oficiais (burocracia escolar), como o plano de gestão, plano pedagógico (que também integra o plano de gestão), o regimento, as normas de convivência, também os sujeitos do processo educativo, que vivenciam cotidianamente essas relações e organização.

#### **3.1.A escola: alguns aspectos**

A escola, objeto da pesquisa, foi escolhida dentre outras peculiaridades, por ser considerada um modelo de organização, apesar de sua localização (um bairro considerado violento).

Os alunos, assim como seus familiares, diretores, professores, coordenadores, outros funcionários da escola (agentes, serventes, merendeiros, etc.) compõem a comunidade escolar.

Para uma melhor compreensão, adiante teremos algumas informações<sup>9</sup> e dados dessa referida instituição e seus atores para compreendermos o que acontece nesse ambiente escolar.

##### **3.1.1. Localização**

Foi escolhida uma instituição do município de Rio Claro no Estado de São Paulo, a E.E. Professora Zita de Godoy Camargo, para orientar a presente pesquisa. Tida como um modelo de instituição por suas “boas relações”, a mesma foi fundada em 1992.

Esta localizada em um bairro da zona norte do município, o Jardim hipódromo, o qual pertence a um conglomerado de dezoito bairros conhecidos como “Grande Cervezão”, e possui cerca de quarenta mil (40000) habitantes. Apesar de periférico, o bairro é disposto por boa infraestrutura. Conta com Pronto Socorro,

---

<sup>9</sup> Todos os dados que seguem foram consultados nos documentos da escola: Plano de Gestão (e também o plano pedagógico), Regimento e as normas de convivência.

Unidade Básica de Saúde, Creches, Escolas Municipais de Educação Infantil e Ensino Fundamental Ciclo I (1ª a 4ª série ou 1º ao 5º ano), Escolas Estaduais de Ensino Fundamental Ciclo II (5ª a 8ª série ou 6º ao 9º ano) e Ensino Médio, Delegacia de Polícia, Polícia Montada (Cavalaria). Possui também rede de esgoto, asfalto e iluminação pública.

O comércio também é forte na região: feiras, supermercados, farmácias, lojas de artigos em geral, dando características de uma cidade de pequeno porte ao bairro.

Apesar da boa infraestrutura, percebe-se o contraste em relação aos moradores, em sua maioria de classe média à baixa.

A população da cidade considera este conglomerado de bairros muito violentos e acreditam ser a principal causa para tal caracterização a má distribuição de renda.

De acordo com Candau (2001), a pobreza isolada não explica a perda de referenciais éticos que sustentam as interações entre grupos e indivíduos.

Numa reflexão de Arnoud e Damascena, nas palavras de Candau (2001), a violência, em síntese, é a expressão da impotência, e diante da impotência relativa dá má distribuição de renda, do desemprego, pobreza, narcotráfico, etc., as pessoas justificam os atos, as ações realizadas que são tidas como violentas.

### **3.1.2. Clientela Escolar**

No ano de 2009 (ano de realização da pesquisa), a escola atendeu aproximadamente mil e duzentos e dezoito (1218) alunos do ensino regular. Jovens e adolescentes entre dez (10) e dezoito (18) anos aproximadamente, divididos entre Ensino Fundamental Ciclo II (5ª a 8ª série ou 6º ao 9º ano) e Ensino Médio.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) Ensino Médio atende cerca de cinquenta (50) alunos, totalizando 1268 estudantes freqüentadores da instituição. Os períodos são: manhã, das 7h as 12h20min (conta com 13 classes – seis 8ª séries, uma 7ª série, três 1ª séries do Ensino Médio, duas 2ª séries do E.M., e uma 3ª série do E.M.) e, tarde, das 13h as 18h20min (13 classes – cinco 5ª séries, quatro 6ª séries, quatro 7ª séries) e noite, das 19h as 23h (9 classes – duas 1ª séries E.M., duas 2ª séries E.M., quatro 3ª séries e uma classe de EJA).



A maioria dos estudantes provém do próprio bairro e de bairros próximos. Apenas uma pequena minoria pertence a locais mais distantes.

O nível sócio econômico é médio-baixo e baixo, sendo a minoria os de nível médio-alto ou mesmo alto.

A menor parte dos alunos tem acesso a livros, jornais, revistas, sendo seu maior contato com estes meios de comunicação a própria escola. A frequência a teatros, cinema, museus, etc. também é pequena, mesmo com o oferecimento de sessões gratuitas tanto de teatro como cinema em algumas outras instituições do município como o SESI e o Centro Cultural Roberto Palmari.

E para entender melhor a situação, segue no próximo tópico informações sobre a família.

### **3.1.3. Os familiares e os alunos**

Os familiares (pais, avós, parentes próximos ou amigos) são muito importantes no processo educativo. O que parece acontecer é que, assim com os alunos, eles ainda não se atentaram à importância da escola na vida de cada um.

Grande parte das famílias dos estudantes origina-se do próprio Estado (São Paulo), e dessa maioria, 70% concentra-se no próprio município e 10% vem de outros municípios do Estado. Os 20% restantes são advindos de outros Estados do Sudeste (Minas Gerais, e outros.), Estados do Norte e Nordeste (Bahia, Ceará, Pernambuco, etc.) e Centro-Oeste (Mato Grosso).

Essa diversidade regional já não é tão intensa quanto era antes. Por isso, entre os alunos não se observa mais tantas variações lingüísticas e culturais. O que seria interessante ser trabalhado na escola, ainda como trazem os PCNs.

Nos PCNs é proposto que a escola fortaleça a cultura de cada grupo social e étnico promovendo seu conhecimento e valorizando-o para fortalecer a igualdade, a democracia e a cidadania... Os alunos devem conhecer suas origens como brasileiros e como participantes de um grupo social específico compreendendo seu próprio valor e desenvolvendo atitudes de repúdio aos preconceitos. (in: Salles e Paula e Silva, 2008, p. 160).

O respeito e valorização do diferente.

Ainda tem a questão do nível sócio econômico cultural médio e baixo. E a maioria dos pais possui baixa escolaridade, ensino fundamental incompleto, sendo raros os que concluíram o ensino médio. Os analfabetos são em pequeno número, e menor ainda são os familiares com nível superior completo.

Sobre os bens de consumo, a maioria possui o básico como geladeira, fogão, televisão, telefone fixo e celular (mesmos os alunos), e também alguns produtos tidos como “regalias” como forno microondas, aparelho de som, maquina lavadora de roupas, computadores, etc. O meio de transporte mais utilizado pelos alunos e seus familiares, principalmente para se deslocar até a escola são: bicicleta, moto e ônibus. Os carros são menos freqüentes, mais algumas famílias possuem. E a maioria possui casa própria, construções simples, mas com os recursos mínimos para uma moradia digna.

Entrando mais na discussão família e escola, a participação é outro fator comentado. Há um grande desinteresse pelos pais em participar da escola.

Em conversas informais com gestores, coordenadores e professores (geralmente durante o HTPC), principalmente quando eles se reuniam para discutir pautas para os encontros com os familiares dos alunos, sempre era da falta de participação, principalmente daqueles que se faziam mais necessários nesses momentos (os pais dos alunos com comportamento inadequado para o ambiente escolar).

De todos os fatores apresentados como determinantes de falta de participação da população na escola, o mais frequentemente mencionado, tanto por pais e usuários em geral, quanto pelo pessoal escolar, foi o relacionado às condições de vida das camadas populares, especialmente a falta de tempo e o cansaço após um longo dia de trabalho. (Paro, 1995, p. 320).

Também existe a desagregação familiar, violência domésticas, fatores que influem no ambiente escolar, principalmente nas relações estabelecidas e no trabalho pedagógico.

Mesmo com um referencial não muito positivo, ao menos familiar, a escola mostra resultados positivos, que são apresentados em alguns meios de comunicação como jornais e internet. É cada vez maior o número de ex-alunos, ou mesmos ou mesmo alunos ainda cursando, ingressando em cursos superiores,

vestibulinhos, cursos técnicos, inclusive em entidades públicas (como a UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”).

#### **3.1.4. Professores, gestores e demais funcionários<sup>10</sup>**

A escola conta com o núcleo de gestão, composta pelo diretor e vice-diretor, e coordenadores.

Na escola estudada, o núcleo de gestão é formado pela diretora, vice-diretora, a coordenadora do ensino fundamental e o coordenador do ensino médio.

No núcleo administrativo, existem os agentes de organização escolar (nomenclatura dada pelo Governo do Estado), que se dividem em dois grupos: os que trabalham na secretaria da escola, e os que trabalham principalmente com os alunos (os inspetores), o secretário de escola e o oficial administrativo (nomenclatura antiga). São 10 funcionários no total.

Tem também o núcleo operacional que conta com os agentes de serviços escolares (também uma nova nomenclatura dada pelo Estado), 04 serventes, e 02 merendeiras (funcionárias municipais).

E o corpo docente, composto por uma média de 40 professores divididos entre as disciplinas: 11 professores de língua portuguesa, 06 de matemática, 06 de ciências, 02 de educação física, 04 de história, 04 de educação artística, 01 de física, 01 de filosofia, 03 de geografia e 02 de ciências biológicas.

O trabalho da diretora (como traz o Capítulo 2 deste trabalho) é administrar a escola em todos os aspectos: pessoal, econômico e político. Organiza, superintende, coordena e controla. Possibilita atendimento adequado aos alunos, pais, professores, comunidade e funcionários, entre outros. Um trabalho amplo, que para ser desempenhado com sucesso, deve acontecer em equipe.

Para a parte mais burocrática, dos papéis, a diretora, além de contar com a vice, conta também com os funcionários da secretaria. O secretário ajuda com a folha de pagamento de todos os funcionários, juntamente com os agentes que são responsáveis pelas matrículas, transferências, boletins, históricos, execução, organização e atualização de arquivos, registro e controle de recursos, também atendem ao público, etc. Dentre os agentes, têm-se os inspetores, que trabalham

---

<sup>10</sup> Os dados que seguem tem como fonte o plano gestor, regimento e experiência da autora da pesquisa (que trabalhou como agente de organização escolar em uma escola estadual em outro município).

mais diretamente com os alunos, observando-os principalmente nos momentos em que os professores, coordenadores ou gestores não estão por perto. Para a parte mais pessoal, de contato com os atores da escola, conta com os coordenadores, que de acordo com o Regimento Escolar, tem a função de dar apoio técnico aos docentes e discentes. Eles acompanham o processo educativo, avaliando e propondo alternativas, promovem reuniões, junto com a direção, para a comunidade e para os docentes, acompanham e avaliam o rendimento do aluno e da escola, etc.

Os agentes de serviços escolares, não menos importante que os demais funcionários atuam mais diretamente na manutenção, limpeza, conservação e organização da área interna e externa do prédio escolar, mas também auxiliam na observação e contenção (de brigas) dos educando, etc.. Os merendeiros são responsáveis pelas refeições diárias dos alunos, preparo e conservação, controle e manutenção.

O corpo docente é responsável em participar da elaboração da proposta pedagógica da escola, junto com os gestores, coordenadores, também deve cumprir esse plano, zela pela aprendizagem dos alunos, entre outras.<sup>11</sup>

### **3.1.5. Recursos da instituição**

A escola conta com recursos físicos e pedagógicos.

Conta com 15 computadores para uso pedagógico, localizados na sala de informática. Eles estão localizados na sala e informática, e estão em rede e com internet via satélite. Ainda existem 05 micros só para uso administrativo instalados na secretaria da instituição e mais 02 na sala dos professores.

02 telas de projeção para serem utilizadas, um retroprojetor, 06 televisões (3 de 20 polegadas com rack móvel, uma de 33 polegadas, uma de 29 na sala de informática e mais uma de 29 polegadas localizada na sala dos professores.), 02 vídeos cassete, um episcópio, um projetor de slides.

E tem também um acervo de oito mil (8000) títulos aproximadamente.

---

<sup>11</sup> Esses dados ficam mais claros com as entrevistas, item 3.4. deste trabalho.

### 3.1.6.Prédio Escolar: Área Física

O prédio escolar foi construído em 1991, passando a funcionar em 1992, ano de fundação da escola.

Como ambientes pedagógicos, o prédio é composto por 13 salas de aula, um centro de leitura, uma sala de informática, uma sala de educação física, uma quadra esportiva descoberta e um campo de futebol gramado.

Os ambientes administrativos são a sala da direção e vice, a secretaria e a sala dos professores.

E os outros ambientes: a sala dos professores coordenadores, os vestiários (masculino e feminino), almoxarifados, cozinha com dispensa, cantina com dispensa, sala do grêmio estudantil, banheiro para alunos (masculino e feminino), banheiro para professores (masculino e feminino), banheiro para funcionários e zeladoria.

### 3.1.7.Conservação Escolar

Existe um projeto dentro da escola de conservação do patrimônio<sup>12</sup>.

De uma maneira geral, o prédio escolar é muito bem conservado, a escola sempre está limpa, e todos contribuem para isso, principalmente os agentes de serviços gerais e os alunos.

Os projetos pedagógicos compreendem a preservação e limpeza do ambiente escolar, para uma melhor convivência, harmonia.

Atos de vandalismo, como a quebra de louças das instalações sanitárias, o furto de lâmpadas e outros materiais, e as pichações, caracterizam a depredação escolar. Para Fukui (1992), tais atos relacionam-se à falta de difusão do conceito de “bem público”, tornando-se, assim, necessária e urgente a divulgação, por exemplo, dos custos e prejuízos causados por estas depredações. (Candau, 2001, p. 30).

E para evitar tal situação, existe um trabalho intenso da direção, coordenação, docentes e outros funcionários para a conservação do patrimônio, e compreensão desse bem que é para todos, a escola.

---

<sup>12</sup> Consta nas entrevistas, mais detalhadas nos dizeres da coordenadora.

### **3.2.A Escola Estudada e a Violência**

A escola estudada foi escolhida por suas “boas relações”. Mas isso não significa que não existam conflitos.

Ser caracterizada como uma boa escola implica um bom desenvolvimento do trabalho pedagógico e um o estabelecimento de boas relações, relações de respeito, de valorização das diferenças.

É claro que mesmo em um ambiente onde a relação é harmoniosa, existem conflitos, até mesmo porque, todos são diferentes, com ideias e opiniões diferentes, aparência física diferente, religião, cultura (regiões diferentes), e como seres diferentes muitas vezes não concordam uns com os outros e assim surge o conflito.

Esse conflito pode ser bom, afinal discutir ideias sempre trás contribuições para ambos os lados. O problema reside em quando um dos lados não quer apenas dividir experiências, mas sim impor a sua própria, ignorando o que o outro tem.

Quando isso acontece, voltamos à questão do desrespeito ao outro, intolerância (Salles e Paula e Silva, 2008). E quando não se obtêm sucesso pela imposição, busca-se outras formas de violência, como a simbólica, os preconceitos, os estereótipos.

Quando o convencimento pela opinião, pela conversa não é bem sucedido parte-se para a violência simbólica, a estereotipação do indivíduo pela sua aparência, crença, raça, opção sexual, etc., e quando está também falha, muitas vezes a força física é empregada.

Os estereótipos que são construídos em relação ao jovem podem acabar por desencadear conflitos entre eles próprios, e entre eles e os adultos, no caso direção, professores e funcionários da escola. (Salles, Paula e Silva, Castro, Villanueva e Bilbao, 2008, p. 20).

Mas a violência, principalmente dentro da escola, não é acontece apenas porque não há convencimento do outro, ela pode ocorrer por motivos vários outros motivos, que são abordados no próximo tópico.

#### **3.2.1.Quais são os conflitos?**

Durante o período em que realizei o estudo da escola, observei os diversos ambientes escolares, principalmente onde os alunos ficavam e também os funcionários da escola (de maneira geral).

O relacionamento é de respeito, igualdade (todos tem direitos e deveres), trabalho em equipe, todos trabalham com o mesmo objetivo. Mas existem conflitos também.

Esses conflitos nem sempre são reconhecidos, principalmente pela banalização da violência.

Já que acontecem diariamente, é mais fácil ignorar do que trabalhar a violência. Então pequenos atos passam a ser deixados de lado. E até mesmo alguns atos mais graves já estão sendo “esquecidos”. É a banalização da violência. (Candau, 2001); (Salles e Paula e Silva, 2008).

Dentro da unidade escolar analisada, percebi um relacionamento que vem sendo esquecido dentro das instituições: o de ouvir as partes envolvidas nos conflitos.

Esses conflitos, aos menos dentro da escola, são raros, e quando ocorre, geralmente são resolvidos dentro do próprio ambiente onde tudo começou.

Um exemplo: se dois alunos começam a discutir e usar palavras ofensivas dentro da sala de aula, o professor intervém, conversa com eles, procura ouvir os dois lados da história, e se não for algo muito grave, ele passa a conversar com toda a classe, e problematiza aquele ocorrido, para mostrar aos estudantes que existem outras maneiras de se conseguir algo, sem violência. E essa interrupção na aula acaba não trazendo problemas, afinal de contas o educador leva aos alunos uma nova visão sobre a resolução dos conflitos.

Quando esse conflito se dá de uma maneira mais intensa, agressões físicas, o educador também procura saber o que aconteceu, mas como são atos mais graves, isso acaba tendo que ser repassado aos coordenadores e gestores, afinal, deve-se respeitar a hierarquia, e principalmente porque, tantos no regimento e no plano de gestão, como nas normas de convivência constam penalidades para cada ato que vá contra.

Alguns alunos costumam reclamar e outros aceitam, afinal, essas normas são reelaboradas ano a ano em conjunto com eles, e essas regras são aplicadas a todos os frequentadores da escola, independente do cargo.

Os conflitos entre os funcionários (diretor, vice, coordenadores, professores, secretaria, inspetores, serventes, merendeiros, etc.) também são raros. Isso é explicado (pelos próprios atores, através das entrevistas) pelo fato de se trabalhar com um mesmo objetivo, um trabalho de equipe, preocupado, não com conflitos pessoais, mas com o processo de ensino aprendizagem em que todos estão envolvidos, principalmente com os alunos, sujeitos diretos desse processo.

### **3.3.Observação da Escola**

Como metodologia para a realização da pesquisa, além de consultada aos documentos e entrevistas, foram feitas observações do ambiente escolar em alguns de seus momentos, como a entrada e saída dos alunos, a sala de aula e o intervalo.

#### **3.3.1.Entrada e saída dos alunos**

Como a escola funciona em três períodos (manhã, tarde e noite), têm-se três horários de entrada e saída de alunos, no entanto, como foi de interesse do estudo observar as últimas séries do ensino fundamental, a análise se restringiu aos períodos matutino e vespertino.

Durante o período da manhã, a entrada é mais tranqüila. Os alunos costumam chegar aos minutos finais, quando o sinal para a primeira aula já está para tocar. Aqueles que são mais adiantados, então e outros ficam esperando até a hora do sinal. Até mesmo o barulho é menor. Existem os estudantes que chegam brincando, gritando e mesmo ofendendo aos amigos, mas generalizando, é um momento tranqüilo, sem muitas brigas, discussões.

Nesse horário chegam também alguns funcionários (outros já estão trabalhando) como professores, coordenadores e a direção. Os inspetores e os serventes chegam antes dos alunos.

Quando já estão no pátio da escola, aí os estudantes conversam muito, gritam, “brincam de falar mal”. Outro fator presente é a questão de apelidos, sempre relativo à aparência física ou então aos costumes que o outro tem. Eles geralmente têm esse tipo de atitude: gritar, ofender, apelidar, bullying (Fante, 2005, p. 27) - termo que defini uma situação onde a vítima sofre atos repetidos e contínuos de retaliação, estereótipos de acordo com características próprias suas como ser é



negro, gordo, homossexual, pobre, estrangeiro, etc.), quando não tem um adulto por perto. Quando tem, eles ficam mais calmos e esperam pela primeira aula.

A entrada dos educandos do período da tarde é um pouco mais tumultuada assim como a saída da turma da manhã, pois sempre tem um grande pessoal da tarde esperando o seu horário para entrar na escola. Isso ocorre porque alguns alunos da manhã, ou atrasam para ir embora ou ficam lá fora esperando os amigos da tarde chegar. Mas esse tumulto não é de brigas ou nada assim, é apenas um grande conglomerado de pessoas na rua, o que pode sim causar confusões como agressões verbais, físicas ou coisa pior.

Já a saída da turma da tarde é mais tranqüila porque a turma da noite trabalha e chega em cima do horário.

Apesar de ser localizada em um bairro de periferia, considerado violento, percebi que próximo a escola é muito calmo. De lado da E.E. Prof<sup>a</sup>. Zita de Godoy Camargo encontra-se o Pronto Atendimento (o PA do Cervezão – como é chamado), do outro, um terreno apenas, à sua frente, residências e logo atrás, depois da antiga linha ferroviária (que também passava por ali) mais residências. Vemos um grande movimento nesse pronto socorro, e também na escola, de mais, o ambiente é bem calmo, concentrando-se o grande movimento na parte mais central desse conglomerado de bairros.

Ainda sobre a entrada e saída dos educando, como poderemos verificar adiante, nas falas dos entrevistados, quando acontece algum ato de agressão física, ou mesmo ofensas mais graves (preconceito e estereótipos), geralmente acontecem fora do prédio escolar, em frente. E na maioria das vezes, essas brigas ocorrem por “acerto de contas”, ou seja, outras pessoas, alunos ou não, vem até a instituição para resolver problemas pessoais.

Não raras vezes as galeras utilizam a instituição escolar como lócus para a solução de pendências com grupos rivais. Assim, brigas que começaram em outras instancias acabam sendo estendidas ao espaço escolar ou às proximidades. (Candau, 2001, p. 29).

Apontados pelos alunos, esses fatos acontecem esporadicamente, e não invadindo o prédio escolar, ficam limitados às proximidades. E a interferência dos mesmos nas relações entre os atores da instituição não é agravada, pois os projetos

pedagógicos da escola trabalham intensamente em torno da violência e suas conseqüências.

### **3.3.2.Sala de aula**

Os conflitos em sala de aula também não são muito freqüentes. O relacionamento entre professores e alunos é bom, de respeito.

O docente sabe de sua responsabilidade, da importância de seu trabalho juntos aos discentes. E com estes últimos, existe o um trabalho para a valorização e importância da escola em suas vidas, do processo educativo como um todo.

Um das situações mais observadas entre os estudantes é a questão de apelidos e de ofensas, principalmente a familiares (onde a principal vítima é a mãe). Esses fatos, quando observados pela primeira vez, podem ser considerados atitudes de violência simbólica, de preconceito e estereotipação do indivíduo, que podem levar a acontecimentos mais graves, pois a vítima, principalmente do bullying, acaba se fragilizando e para compensar quer justiça. Mas o que observei naquele ambiente, é que muitas vezes são desconhecidos os efeitos que essas atitudes podem causar, pois, para os alguns alunos é apenas brincadeira. Mas outros se utilizam disso como forma de depreciação do outro, preconceito mesmo.

Como já exposto, essas situações são raras, dentro dessa escola, ocorrendo mais em momentos em que não se tem o adulto por perto. (Camacho, 2001). E essa raridade pode ser relacionada ao trabalho que se tem na escola de problematizar a questão da violência e suas implicações.

Os momentos de conflito com o professor também não são muito observados, mas quando ocorrem se tem o interesse de conhecer as causas antes de determinar ações de contenção, mas toda regra tem sua exceção. Alguns professores fingem nem perceber. Muitas vezes é apenas um conflito de opiniões, que não precisa ser punido com suspensão, advertências, etc. Mas se a situação for de indisciplina mesmo, então a coordenação e direção passam a atuar mediando e adotando medidas punitivas (o que está previsto no regimento e nas normas de convivência).

### **3.3.3.Intervalo: a hora do recreio**

O intervalo é um dos momentos que os alunos mais gostam, assim com as aulas de educação física (principalmente quando praticam esportes como futebol, vôlei, etc., e também as excursões).

Para evitar os conflitos em sua forma violenta, principalmente entre os alunos de idades diferentes, a escola divide o intervalo dos alunos em duas partes. No período da manhã saem primeiro as quintas séries e duas sextas, e 20 minutos depois saem as duas sextas e as quatro sétimas. À tarde saem primeiro o ensino fundamental (as seis 8ª e uma 7ª), e depois o ensino médio. Já a noite todos saem no mesmo horário.

Essa divisão ajuda aos inspetores que acompanham esse período e também aos alunos. Eles ficam entre os iguais (idades próximas, classes, afinidades, etc.)

Também é nesta hora que as relações conflituosas têm maior força, porque os funcionários, mesmo com a contribuição de todos, não conseguem estar em todos os espaços em que os alunos estão. Agressões são mais difíceis, até mesmo porque os estudantes conhecem as regras e normas da escola e sabem das punições para esses atos. Mas aí se manifesta a violência simbólica, mesmo que como brincadeira. Mesmo assim, por ser entendido como brincadeira pelos discentes, eles acabam não dando muita atenção aos fatos, ou devolvem, como eles dizem, “na mesma moeda”, não levando “desaforo para a casa”.

### **3.4.As entrevistas**

Para compreender a organização escolar e as relações interpessoais estabelecidas dentro do âmbito escolar, é conhecer também os depoimentos de todos os envolvidos no processo educacional.

Aqui são apresentadas visões dos diferentes atores. Para tanto, as entrevistas foram realizadas com a diretora e a coordenadora (do ensino fundamental), um professor, um funcionário (inspetor de aluno), e dois alunos dos últimos anos do ensino fundamental - um da 8ª série (9º ano) e outro da 7ª série (8º ano).

#### **3.4.1.A entrevista com a diretora e a coordenadora**

Foram entrevistadas a diretora e a coordenadora da instituição, mas em momentos diferentes. As questões foram elaboradas considerando os objetivos deste estudo, mas a compreensão da organização escolar e as relações estabelecidas nesta unidade educativa.

1) Qual sua formação acadêmica? Faça um breve comentário sobre seu percurso formativo e profissional.

*Diretora: Sou formada em Pedagogia. Fiz o antigo curso normal. Atuando na direção de escola há mais de 22 anos, realizei cursos de especialização em Gestão Educacional. Na área educativa já completei mais de 32 anos.*

*Coordenadora: a minha formação acadêmica é ciências físicas e biológicas. Ingressei no magistério em 1988, porém, Rio Claro por ter a faculdade de biologia na Unesp, nunca existiram aulas de ciências suficientes para atender todos os professores, então eu acabava completando minha jornada com matemática. Isso me incomodava muito, pois gostava mesmo de lecionar ciências.*

*Em 1996 iniciou a função do professor coordenador. Eu me interessei, prestei o concurso, fui aprovada, apresentei o projeto de trabalho aqui na escola Zita. Fui aceita e iniciei minha carreira de professora coordenadora.*

2) Para a senhora, o que é violência?

*Diretora: Violência são atos e atitudes de desrespeito ao outro, de discriminação, e negação. Pode se manifestar na forma verbal, como ofensas, etc., e na forma física, quando se utiliza a força. Pode ser intimidação, o medo, a insegurança, etc.*

*Coordenadora: É a falta de respeito e qualquer manifestação de ataque e desrespeito ao outro.*

3) O que a senhora acredita levar as pessoas a serem ou cometerem atos violentos?

*Diretora: Acredito que para as pessoas serem violentas, existe algo por trás, como a pobreza, a discriminação, enfim, problemas econômicos que revoltam. Mas tem também a violências dos ricos, o preconceito.*

*Coordenadora: Eu acredito que seja por falta de tolerância, de paciência, ou de entendimento do que a outra pessoa pensa ou que está fazendo.*

4) Poderia descrever sua escola?

*Diretora: A escola é bem organizada, cada um tem uma função aqui e a desempenha de forma satisfatória de uma maneira geral. A escola é bem conservada, isso porque desenvolvemos todo um projeto sobre preservação do patrimônio, afinal de contas, é nosso e precisamos cuidar.*

*Coordenadora: A escola funciona há 16 anos, então seu prédio é novo. Um dos objetivos que consta no projeto pedagógico na escola*

*é a preservação do patrimônio, a conservação da escola, e dessa maneira mantemos o prédio físico conservado. Existe uma preocupação grande de se quebrou, conserta. Eles devem compreender que a escola é para todos. Quanto à organização, trabalhamos em equipe onde todos estão comprometidos com vários objetivos: pedagógico, dos currículos, a manutenção do prédio. Mantemos a escola sempre limpa.*

5) Comente um pouco sobre seu relacionamento:

a) com os alunos:

*Diretora: É de muito respeito, tanto da minha parte quanto da deles. Os professores e os coordenadores acabam tendo mais contato com eles do que eu, devido à burocracia do trabalho do gestor. Mas sempre que possível procuro estar presente.*

*Coordenadora: Muito bom. Sinto um respeito grandioso deles para comigo, porque é assim que eu procuro tratá-los. A maioria dos alunos tem a escola como única fonte e acesso a cultura, então, eu sempre procuro vê-los desta forma. E normalmente eles são muito receptivos. Eu procuro sempre conversar, orientar. Tem alguns casos isolados de indisciplina, de comportamento que fica mais difícil para trabalhar diretamente com o aluno. Então a gente convoca os pais para ajudarem.*

b) com a vice-diretora ou diretora;

*Diretora: Como já disse, temos um sincronismo. Além disso, quando não estou presente, é ela quem assume as minhas funções. Ela me ajuda muito, com tudo.*

*Coordenadora: trabalhamos em uma equipe, pensamos, na diria que igual, mas temos os mesmos objetivos. Não trabalhar apenas como professores, mas como educadores para conseguir uma mudança de postura desses alunos, para conseguir que eles enxerguem a importância da escola e saiam daqui cidadãos conscientes e que consigam interferir na sociedade.*

c) com a coordenadora;

*Diretora: Trabalhamos em equipe, ela tem um trabalho mais voltado ao pedagógico, a relação professor-aluno.. Eu trabalho mais com o administrativo, mas também interfiro no pedagógico. Para isso temos reuniões periódicas, toda semana, chamadas de HTPC.*

*Coordenadora: (já comentou sobre o trabalho)*

d) com os professores;

*Diretora: Assim como os alunos, o coordenador tem mais contato com eles por ser trabalho pedagógico. Mesmo assim temos um bom relacionamento, de respeito, principalmente respeito as áreas de atuação de cada um.*

*Coordenadora: São relações de respeito. Enquanto coordenadora, a minha função aqui é cobrar dos professores a aprendizagem dos alunos. Às vezes tem algum problema isolado, mas a maioria trabalha com os mesmos objetivos, um relacionamento amistoso.*

e) com os agentes de organização escolar;

*Diretora: Estou sempre em contato, trabalhamos sincronizados, mais próximos a eles. O respeito é mútuo.*

*Coordenadora: É amistoso também. Eles participam da equipe escolar e trabalham mais voltados a organização burocrática da escola.*

f) com os demais funcionários;

*Diretora: De sincronismo, harmonia. Trabalhamos em equipe, e cada um faz sua parte. Mas quando é necessário ajudar, sempre estamos a disposição.*

*Coordenadora: É bom porque eu parto do principio de que todos são profissionais, com um mesmo objetivo, a formação do aluno. Procuro ajudar também, principalmente os da limpeza, trabalhando com os alunos a questão do lixo: sujou limpou.*

g) com a comunidade escolar em geral (pais, etc.).

*Diretora: Nós nos preocupamos em ser receptivos aos familiares dos alunos. Temos reuniões bimestrais para discutir o desenvolvimento e resultados. Mas a participação não é muito grande, a maioria dos pais não mostra interesses em estar aqui. Mas os que comparecem, são receptivos e contribuem para nossas avaliações internas, de como está o andamento do trabalho pedagógico.*

*Coordenadora: É muito bom, mas falta participação. Os pais que comparecem as reuniões são receptivos as ideias da escola, discutem também.*

6) Descreva a organização de sua instituição, o trabalho de todos os segmentos, as relações interpessoais (desde os alunos, professores, coordenadores, gestores, demais funcionários e toda a comunidade escolar).

*Diretora: Nossa equipe é sincronizada. Todos nós falamos a mesma linguagem. Há dialogo o que é muito importante e contribui, pois cada um trás um pouco de sua experiência e assim desenvolvemos o que poderá ser trabalhado. Isso funciona com os alunos também, eles são ouvidos. Quando há conselho de classe e de escola, é aberta a participação, assim como nas reuniões de pais. E eles também podem nos procurar a qualquer momento, afinal, estamos aqui para ajudá-los. Todos os funcionários desta escola trabalham com um mesmo objetivo que tem como centro o aluno, seu ensino e aprendizagem, portanto, é nisso que pensamos em primeiro lugar.*

*Coordenadora: O projeto pedagógico é elaborado, pensando na aprendizagem do aluno. Todo ano ele é replanejado, avaliamos o ano anterior e fazemos novas metas pro ano seguinte. Essa avaliação é para conhecer as dificuldades e se trabalhar mais intensamente no ano seguinte. Como o projeto de preservação do patrimônio, ambiente, DSTs e AIDS, entre outros, e eles são repassados aos vários segmentos da escola.*

7) Esta instituição escolar conta com regras e normas. Como é o funcionamento das mesmas nesta escola? Elas são validas para todos os freqüentadores, alunos ou não? Acredita que elas auxiliem para uma melhor organização da instituição?

*Diretora: Sim, temos regras e normas e essas constam em nosso regimento, no plano de gestão e também nas normas de convivência, cuja elaboração aconteceu em parceria com todos os participantes do processo educativo.*

*Coordenadora: Temos um regimento interno, que foi escrito logo após a fundação da escola, um documento maior. Além disso, temos as Normas de Convivência na escola, documento que foi elaborado junto à comunidade escolar, que consta os direitos e deveres de todos.*

8) Qual sua atitude frente alguma ação ou atitude considerada inadequada ou proibida realizada por algum estudante? E professores? E os demais funcionários?

*Diretora: Quando algum funcionário faz algo inadequado, dependendo da gravidade, existem penalidades administrativas que são aplicadas, previstas em lei. No regimento escolar também temos as penalidades previstas e as normas de convivência. Mas essas penalidades são aplicadas em última instância, primeiro procura-se saber os motivos, pois as vezes é só falta de comunicação mesmo, ou desconhecimento dos limites, até onde posso ir.*

*Coordenadora: com relação aos alunos, tem-se no regimento as punições previstas para a gravidade de cada caso. Desde uma advertência verbal, escrita, suspensão ou até mesmo uma transferência compulsório. Como os professores, primeiro procuro saber o que acontece, e casos mais graves, como se acontecer com qualquer outros funcionário, deve ser discutido com a direção.*

9) Esta escola é considerada boa e não violenta. Por quê?

*Diretora: Porque nosso trabalho é intenso, nossos alunos vêm se destacando em vestibulares de universidades públicas, vestibulinhos, entre outros. Esse bom desempenho é devido as boas relações aqui estabelecidas e ao projeto político pedagógico. As boas relações se devem o fato que do respeito, do não preconceito, etc.*

*Coordenadora: Estamos classificados como a 5ª escola do município de Rio Claro com o melhor resultado do IDESP (Índice de Desenvolvimento do Estado de São Paulo). A esse resultado eu atribuo o trabalho dos professores. Conseguimos conquistar esse lugar trabalhando com objetivo, pensando nos projetos.*

10) Quais são suas propostas para melhorar a escola?

*Diretora: Com mais verbas disponibilizadas poderíamos comprar materiais que fossem úteis para os alunos, tanto em sala de aula, como em momento de recreação. Mais diversão e cultura ao mesmo tempo. Também a participação dos pais.*

*Coordenadora: Seria um reconhecimento do aluno acerca da importância da escola na vida dele. Enquanto coordenadora, prezo pelo direito de aquisição do conhecimento para que ele conquiste seu espaço na sociedade.*

Resumindo as entrevistas, a diretora e a coordenadora da escola acreditam que para um ambiente ser caracterizado como bom, deve-se trabalhar a questão do envolvimento e trabalho em conjunto de todos. Isso faz com que as relações sejam harmoniosas. E também enfatizam a importância do projeto político pedagógico, e principalmente uma grande preocupação com o ensino aprendizagem dos discentes.

### **3.4.2.A entrevista com o professor**

Também foi entrevistado um professor, da disciplina história.

1. Há quanto tempo atua como docente? E nesta instituição? Qual a disciplina?

*Bom, trabalho como professor há mais ou menos uns nove anos. Nesta instituição, estou atuando há uns três. E atuo também em outras instituições. Leciono a disciplina de história.*

2. O que entende por violência?

*Acredito que violência é todo ato em que algum indivíduo utiliza a força para conseguir atingir seus objetivos. Também pode ser ofensas, o desrespeito ao outro, e dentro da sala de aula, principalmente a indisciplina.*

*O preconceito, também é uma forma de violência, onde o outro é discriminado, não aceito devido a sua opção sexual, crença, religião, raça, etc.*

3. Descreva seu relacionamento:

a) com os alunos:

*A meu ver é bom. Procuro manter uma postura de educador mesmo, não apenas o transmissor de conhecimentos, mas de alguém que ainda tem muito a aprender, mesmo com os alunos, pois eles têm coisas interessantes a nos ensinar e trazer à sala de aula. É claro que tenho que ser rígido também, porque se não tudo vira brincadeira, mas essa rigidez é apenas para impor o respeito dentro da aula, uma mediação dos pequenos conflitos existentes.*

b) com a direção:

*É um relacionamento harmonioso. Todos aqui dentro dessa escola trabalham com o mesmo objetivo, ou pelo menos deveriam. A prioridade é o aluno e seu aprendizado, afinal de contas ele não está aqui apenas pelo bom relacionamento da instituição. Por isso temos um bom relacionamento, de respeito: a direção respeita a sala de*



*aula do professor e nós professores respeitamos a administração deles.*

c) com a coordenação:

*Assim como o relacionamento com a direção, também é bom. Estamos mais em contato com a coordenação do que com a direção, principalmente pelo trabalho que este profissional desempenha dentro da escola, o de orientar o trabalho pedagógico.*

d) com os demais professores:

*Harmonioso. Como eu já comentei o trabalho aqui é em equipe e com o mesmo objetivo. Dividimos experiências, conversamos, estudamos juntos. Temos uma relação de afeto, de trabalho, principalmente em equipe.*

e) com os demais funcionários da instituição:

*Estamos mais em contato com os inspetores, pois estes, na maioria das vezes, são nossa ligação com a direção. Por exemplo, quando o professor coloca um aluno fora da sala, são os inspetores que os encaminham a direção para as devidas providências, isso em casos mais graves como agressão física. Quando são apenas casos leves de indisciplina, o aluno fica atrapalhando a aula, ai eles apenas dão uma advertência para que os estudantes fiquem mais atentos às suas atitudes. Na verdade, essa advertência é feita pelo professor (uma anotação na pasta) e encaminhada ao inspetor para que ele conheça o motivo do aluno estar ali. Portanto temos uma relação de respeito um para com o trabalho do outro assim como com os demais funcionários também, os da secretaria, serventes, etc.*

f) com a comunidade escolar no geral (pais, familiares, etc.):

*Em geral é bom, mas existe dificuldade. A dificuldade maior é que não temos muita aproximação com eles, pois a maioria não compareça as reuniões que acontecem ou sequer marcar outro horário para conversar, para saber o que acontece dentro da escola, principalmente com o filho, amigo, etc. Os que comparecem, estão sempre abertos a ouvir, mas alguns só sabem reclamar.*

4. Como você vê o relacionamento:

a) entre os próprios alunos, principalmente dentro da sala de aula?

*O relacionamento deles é bom, de amizade. O que difere de nosso entendimento do que é amizade, pois pra eles às vezes as pequenas ofensas são apenas brincadeira ao se dirigir a um amigo. Os apelidos são dados principalmente de acordo com a aparência física das pessoas. Mas também tem relacionamentos conflituosos por diversas causas. Não gostar do colega, o namorado da amiga, a vingança: se me ofendeu eu ofendo também, entre tantos outros.*

b) entre os frequentadores da escola (diretores, coordenadores, docentes, funcionários em geral, discentes, pais, etc.)?

*Como eu disse antes, temos um objetivo em comum e este está ligado diretamente ao aluno, portanto, as relações estabelecidas entre os funcionários em geral da escola é harmonioso, de respeito, cada um respeitando o espaço de atuação do outro. Afinal de contas somos distribuídos em cargos para um melhor desenvolvimento do trabalho educativo, então devemos respeitar isso. Mas isso não*

*significa que não podemos um ajudar o outro, muito ao contrário, quando percebemos que o outro precisa, devemos ajudar sim. Em relação aos alunos e aos familiares entra a questão da participação. Falta participação deles, principalmente dos pais. Os alunos precisam de atenção, incentivo.*

5. Faça um breve histórico, descrevendo sua escola (organização, relações interpessoais, etc.)

*A escola Zita é relativamente nova, surgiu a mais ou menos uns 16 anos. Teve outras nomenclaturas até chegar-se a atual, nossa patrona. A escola é bem organizada devido ao bom trabalho que vem sendo desenvolvido, aos grandes profissionais que aqui se encontram e a contribuição dos alunos para a realização desses projetos. As boas relações interpessoais estabelecidas também se devem ao ótimo trabalho em equipe que acontece dentro da instituição, os objetivos em comum.*

6. Conhece as normas da escola? Acredita que elas auxiliam na organização de sua escola?

*Conheço. Acredito que em qualquer ambiente, as regras e normas se fazem necessárias, afinal elas fazem parte de uma boa organização. Sem elas, a convivência seria um pouco mais complicada. Elas determinam o que podemos ou não fazer, dando-nos limites. Esses limites são responsáveis pela boa convivência. Por isso existem direitos e deveres. Se não tivéssemos limites, até onde chegaríamos?*

*As leis existem e mesmo assim cometem-se infrações. Sem elas a convivência seria impossível.*

7. Quando ocorre algo considerado inadequado ou violento dentro de sua sala de aula, qual a sua atitude?

*Primeiramente eu procuro saber o que esta acontecendo, quem está envolvido. Em seguida, eu converso com o ou os envolvidos para saber o que aconteceu. Somente assim eu tomo alguma atitude. Geralmente conseguimos resolver dentro da sala de aula mesmo, mas quando o assunto é mais grave, como agressões físicas, então tenho que passar a meu superior dentro da escola, no caso a direção. A partir daí eles atuam. Na maioria das vezes essas agressões entre alunos acarretam suspensão dos envolvidos ou convocação dos pais.*

8. Quais fatores que o (a) senhor (a) considera relevantes para que uma escola seja classificada como violenta ou não violenta? Como classificaria esta instituição?

*Os fatores são as relações estabelecidas, como cada um age. Também os envolvidos, as regras entre outras coisas. Por isso eu classifico esta instituição como boa, não violenta, não por não haver violência, pois os pequenos atos sempre estão presentes, mas porque as principais atitudes para que a violência não domine são tomadas. Há um intenso trabalho envolvendo essa temática dentro da escola, projetos também.*

9. Em sua opinião, o que leva as pessoas a praticarem atos violentos, principalmente dentro de uma instituição escolar?

*Professor: Acredito que sejam vários fatores como, revolta, medo, insegurança, má distribuição de renda, preconceito, desrespeito, desrespeito ao outro, porque ele usa uma camiseta diferente, porque a opção sexual é diferente, religião, raça, etc. É a não tolerância ao diferente, novo.*

10. Qual (is) sua(s) proposta(s) para melhorar a escola?

*Para melhorar a escola, acho interessante uma maior e melhor investimento do governo. Dessa forma essa verba poderia ser utilizada para comprar bons materiais para a escola. E esses materiais poderiam ser trabalhados com os alunos, para seu desenvolvimento. Uma maior participação da família na escola, não só em festas e reuniões, mas também nos planejamentos, nas tomadas de decisão, ou mesmo só pra uma boa conversa. Entre tantas outras propostas.*

O professor entrevistado dá grande ênfase nos acontecimentos dentro da sala de aula, colocando a preocupação que, não só ele, mas também os outros envolvidos no processo educacional, principalmente a coordenadora e a diretora, tem em relação à mediação, a problematização que se deve ter em torno da violência dentro do espaço escolar. E também a preocupação, quando há conflitos, em se conhecer os motivos para tal situação.

### **3.4.3.A entrevista com os alunos**

As entrevistas com os alunos, assim como as outras, contribuíram para a identificação dos fatores percebidos como determinantes para que uma escola seja caracterizada como não violenta, e análise das manifestações das relações dos atores do processo educativo.

1) Qual sua concepção de violência?

*Aluno 1<sup>13</sup> (14 anos – 8ª série): É, por exemplo, uma coisa que a pessoa em si praticando a violência, machuca ou ofende a pessoa, que ta sofrendo com isso.*

*Aluno 2 (13 anos- 7ª série): A violência é um ato de desrespeito com todo mundo. Pode ser pelas palavras, não só se as pessoas brigam, só bater, mas usar as palavras, quando são sem educação, tudo isso.*

2) O que você acha que leva as pessoas a serem violentas?

---

<sup>13</sup> O nome dos alunos foi ocultado para preservar a identidade dos mesmos.

*Aluno 1: A falta de ensinamento em casa, porque, por exemplo, eu não posso praticar, mas, por exemplo, a pessoa que pratica, e tem uma certa, a família tem uma certa influencia por exemplo, o pai e a mãe pratica dentro de casa e as crianças ou os adolescentes acaba praticando isso fora.*

*Aluno 2: Muitas vezes, o nervoso é, alguma coisa, irritamento, brigas, etc.*

3) Descreva sua escola (quanto à organização, se é boa ou não, violenta ou não).

*Aluno 1: Então, a escola, ela é uma ótima escola. Tem muito boa, uma boa organização e a violência, é raro ter.*

*Aluno 2: É uma ótima escola, tem muitos professores bons. O que há na escola, é fora da escola. Bastante violência, brigas. Muita gente briga, mas dentro da escola é difícil. Às vezes tem uma “briguinha” ou outra, mas não é nada sério, mais fora da escola.*

4) Como você vê o relacionamento entre;  
a) os gestores (diretores) e os alunos?

*Aluno 1: Muito boa. Por exemplo, quando tem uma festa, o que é difícil, mas quando tem, é muito boa. Não tem brigas, eles sempre estão conversando com nós, sempre passando recados. Eles têm uma boa relação, respeita a gente, não trata com diferença.*

*Aluno 2: Sempre tem bom atendimento, qualquer coisa, resolve, é muito bom.*

b) os inspetores e os alunos?

*Aluno 1: Muito bom. Eles são legais, mas também quando precisa chamar a atenção, eles tão ai pra ajudar.*

*Aluno 2: Tudo bem também. São bem atenciosos quando a gente precisa.*

c) os serventes e os alunos?

*Aluno 1: Muito boa. Eles são muito educados, principalmente o pessoal da merenda.*

*Aluno 2: Assim, a gente não tem muito contato e tal, mas é bom sim.*

d) professores e alunos?

*Aluno 1: Tem professor que é muito chato também, mas tem outros que, por exemplo, quando tem dúvida, ele ta ali pra ajudar. Mas tem outros que manda fazer e, ao “Deus dará”. Eles até explicam, mas não como o professor que nos ajuda, faz uma coisa assim, por cima. E se a gente não faz a atividade, ele fica nervoso e manda pra diretoria. Eles não ofendem a gente, mas ficam nervosos e chama a atenção.*

*Aluno 2: Assim, muitos professores são considerados bons, tal. Mas o professor de história, ele é 10, todo mundo adora ele. Tem professores que nem todo mundo gosta, mas no geral, é um bom relacionamento.*

e) entre os próprios alunos?

*Aluno 1: Muito boa. Têm alguns meio chatos assim, que pensa, por exemplo, que tem influência no mundo, quer mandar na escola, daí, já atrapalha. Mas no geral é boa.*

*Aluno 2: Muitas vezes é de desrespeito. Tem alunos que dentro da sala de aula fica xingando um a mãe do outro, fica provocando assim, mas nem todos. Tem bastante amizade e tal. Mas dentro da sala de aula mesmo assim tem xingamento, provocação. No recreio e na educação física também é assim.*

f) entre os próprios funcionários (diretores, coordenadores, professores, inspetores, etc.)?

*Aluno 1: Eles se comunicam bastante. E sempre tem o planejamento, que é o HTPC, que eles tem, e nisso eles estão passando, tem alguns professores que até comentam pra nós o que aconteceu, o que foi falado. Eles tem uma boa relação no geral.*

*Aluno 2: Tudo ok. Não parece ter brigas e intrigas entre eles. Se é pra resolver algum problema, eles estão sempre juntos.*

5) Quais são as regras e normas de sua escola? Diga o que é permitido e o que é proibido.

*Aluno 1: uma das regras é não chupar chicletes na sala, não chupar bala, não usar boné, não ofender ou agredir o aluno, colega, não ofender os professores. Tem alguns alunos que até xinga os professores, não ta nem ai. São regras boas que ajudam dentro da escola e serve pra todos.*

*Aluno 2: A gente brigar dentro da escola não pode, desrespeito com o professor não pode. Mas nem todo mundo respeita isso.*

*Sobre os direitos, a gente pode prestar atenção e aprender. A gente ta aqui pra isso, pra aprender, respeitar os professores, respeito entre nós, os alunos também.*

6) Como a direção age se alguém faz algo errado ou proibido? E os professores? E os outros funcionários? E os próprios alunos?

*Aluno 1: Por exemplo briga, ou chama o pai ou suspende o aluno, mas raro, raro não é tanto assim, mas chama o aluno e o pai pra conversar. os professores ou conversa com o aluno ou, como eu já falei, manda direto pra diretoria, ou chama os inspetores. Os outros funcionários, em geral, comunicam a direção. E os alunos fica quieto. Em geral fica quieto, não conta, por causa que tem medo que aquela pessoa, por exemplo, que ele "caguetô" vá lá e "pega" ele depois na saída, fora da escola.*

*Aluno 2: Eles procuram conversar, com a pessoa, entender, ver porque fez isso, tomar providências também. Os professores estão sempre atrás, querendo saber por que aconteceu, como, tal, pra tentar ajudar, resolver. Os funcionários não têm muito contato, mas quando tem, tipo os inspetores, te a obrigação, eles vão lá e apartam os envolvidos, tipo em brigas, querem saber o que ta acontecendo, leva pra diretoria. Os alunos, a gente... fica quieto. Se não é uma*

*coisa grave, a gente procura o professor pra conversar tudo, mas se é uma intriga, calúnia assim, a gente comenta e mais nada*

7) Você disse que sua escola não é (ou é) violenta? Por quê?

*Aluno 1: Porque a organização, ela é rígida. Eles são muito rígidos com questão de bagunça, limpeza na escola, limpeza na sala de aula.*

*Aluno 2: A escola é boa pelos professores, diretores, os funcionários no geral trata a gente bem, tudo. Nunca tem desrespeito assim.*

8) Você já presenciou (ou praticou) algum ato que possa ser considerado violento, em sua escola? Descreva-o.

*Aluno 1: Já, eu briguei com um aluno. Foi no ano passado se eu não me engano, quando estávamos na hora do recreio, lá embaixo<sup>14</sup>, tinha alunos brincando. Eu tava jogando, eu não sei o que aconteceu assim, eu tava brincando e do nada eu peguei, sabe você faz que vai dar um tapinha assim no rosto do outro mas sem querer pega. Daí ele ficou nervoso, e veio uns quatro ou cinco alunos pra cima de mim, dando vassourada. Um deu uma vassourada em cima do meu ombro. Daí eu acabei ficando nervoso e fui pra cima. O professor tentou apartar, e eu tentava tirar ele da frente. Acabei sendo suspenso eu e o outro aluno também.*

*Aluno 2: Presenciar a gente presencia, sempre tá vendo brigas, discussão. Mas eu nunca briguei. O que mais eu vejo é fora da escola. Na hora da entrada e na hora da saída sempre tem brigas, pessoas de fora que vem brigar com alunos da escola.*

9) Quais são suas propostas para melhorar a escola?

*Aluno 1: Então, antes, há dois ou três anos, atrás tinha um lazer na escola aos sábados. Nisso, eu sempre vinha, meu pai também, era jardineiro, ele arrumava a parte de jardinagem da escola. Eu vinha e aprendia bastante coisas. A parte de informática, a questão de desenho, muitas coisas. Seria legal essas atividades, além da sala de aula.*

*Aluno 2: Ter menos violência, ter menos intrigas entre os alunos, a gente ser mais interessado. Cada um deve fazer sua parte, cada um pra si mesmo. Não adianta ficar mandando o outro ficar quieto se você não ta. Então cada um toma cuidado com você mesmo. Poderiam ter incentivos pra gente, ta conversando, falando o que é certo, dando conselhos, fazendo o que é certo.*

10) Como você acha que deve agir frente à violência dentro do ambiente escolar?

*Aluno 1: De ir imediatamente e falar com a diretora ou com os inspetores, não ficar quieto.*

*Aluno 2: Não ficar perto, já chegar, abriu o portão, já entrar. Porque tem muito aluno que fica lá fora sabe, com frescura, só entra, na hora que o portão tá fechando. Eu acho que cada um tem que fazer a sua parte.*

<sup>14</sup> A sala da coordenação fica no piso superior.

Analisando as falas dos alunos, estes sabem reconhecer quando o relacionamento entre os vários segmentos da escola relacionam-se harmoniosamente. E acreditam no bom trabalho que é desenvolvido nesta instituição, que mesmo não estando livre da violência, trás grandes contribuições, caminhos que seguem nessa direção.

#### 3.4.4.A entrevista com o inspetor

1. Qual a função ou cargo que o (a) senhor (a) exerce dentro desta instituição?

*Sou agente de organização escolar e trabalho aqui como inspetor de alunos, aquele que deve zelar pela escola, e principalmente pelos alunos.*

2. Há quanto tempo trabalha nesta escola? E na área educativa?

*Há três anos. Há três também, pois comecei no nesse cargo.*

3. O que o(a) senhor(a) entende por violência?

*Acho que violência são brigas, agressões. Ofender as pessoas também. Acho que é isso.*

4. Em sua opinião, o que leva as pessoas a serem ou praticarem atos violentos?

*Penso que pode ser pela situação financeira da pessoa. Quando a gente não tem dinheiro, fica nervoso, querendo agredir todo mundo. Também pode ser o abandono, revolta, etc.*

5. Como o(a) senhor(a) vê sua escola? Como a classifica?

*Aqui é uma escola boa. Quase não tem brigas. Os funcionários trabalham junto, uns ajudando os outros. É claro que tem algumas brigas, geralmente mais leves. As brigas maiores, na maioria das vezes acontecem fora da escola.*

6. Como é seu relacionamento:

a) com os gestores (diretora e vice)?

*Muito bom, de respeito: eu para com ele e ele para comigo.*

b) com os coordenadores?

*Também é bom de respeito. Nós inspetores temos muita ajuda da coordenadora para trabalhar com os alunos, principalmente, quando há situação e conflitos.*

c) com os professores?

*Estamos bem próximo deles também. É uma relação boa, respeitosa. Eu ajudo, quando eles pedem pra levar aluno até a direção.*

d) com os alunos?

*Bom mas também com problemas, principalmente com aqueles que não respeitam. A gente pede pra ir pra sala e eles enrolam. Mas a maioria é calma, ou fingi ser.*

e) com os demais funcionários?

*É bom. Nós trocamos ideias, trabalhamos em equipe. Ajudamos aos outros quando precisam, até na limpeza.*

f) com a comunidade escolar em geral (pais, etc.)?

*O contato mais direto é com a secretaria. Nós da inspetoria, só temos contato com a comunidade escolar em reuniões, eventos, ou quando eles comparecem à escola para conversar diretamente com os gestores, professores, ou mesmos outros funcionários.*

7. Toda instituição, educacional ou não, é regida por normas e regras. Comente como é o funcionamento das mesmas nesta escola.

*Funcionam bem. As punições são aplicadas principalmente quando as brigas são mais intensas. As normas ajudam a controlar a violência sim. Precisamos de normas para a convivência porque agem como se não existisse respeito, paciência, mas existe.*

8. Quais os fatores que o(a) senhor(a) considera relevantes para que esta escola seja classificada como não violenta? Como classificaria esta instituição?

*Acho que por ter poucas brigas, a direção, os professores e os coordenadores serem unidos, uma boa organização, esses fatores fazem a escola ser bem vista.*

9. Quando o (a) senhor (a) vê alguém (algum aluno) praticando algum ato considerado violento, qual sua atitude?

*Se for de agressão física, devo levar até à direção ou coordenação. Agora quando são pequenas coisas, como ofender um ao outro, em mesmo explico ou encaminho à coordenação.*

10. Qual (is) sua(s) proposta(s) para melhor a escola?

*Precisamos fazer com que os alunos aprendam que a violência não leva a nada, que só trás conseqüências ruins.*

*Temos que valorizar o ambiente escolar que temos. Para isso, seria interessante fazer palestras sobre o assunto para trabalhar como os estudantes.*

Essa entrevista também mostra o que a coordenadora e diretora apresentam. Todos trabalham em equipe, com os mesmos objetivos, preocupados principalmente com os alunos, com o processo de ensino aprendizagem. E também a importância de um bom relacionamento no ambiente profissional.



#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de todo o trabalho desenvolvido até aqui, (a teorização da violência, da organização escolar, da escola, da documentação, observação e entrevistas), alguns pontos fazem-se necessários destacar.

O primeiro deles é a identificação dos fatores percebidos como determinantes para que uma escola seja caracterizada como não violenta, uma boa escola (um dos objetivos desse estudo).

Através de tudo que já foi exposto, inclusive de falas dos próprios envolvidos no processo educativo, fica claro quais os fatores para tal caracterização. Primeiramente existe um bom relacionamento profissional entre os funcionários (diretor, coordenadores, professores e agentes – de organização e de serviços escolares). Uma relação pautada no respeito, união, na troca de experiências. Até mesmo a relação dos alunos e com os alunos é harmoniosa, existindo exceções obviamente.

Como todo processo, o educativo não está livre de conflitos, mesmo quando há cooperação. Ele está implícito nas relações sociais.

O conflito, pois, é parte integrante da vida e da atividade social, quer contemporânea, quer antiga. Ainda no esforço de entendimento do conceito, podemos dizer que o conflito se origina da diferença de interesses, de desejos e de aspirações. (Chrispino, 2007, p. 5)

Outro fator é a questão do projeto pedagógico, que trás aspectos muito importantes, mais que geralmente são esquecidos. E aqui nessa escola, o projeto é seguido, mas tem suas falhas.

A meu ver, falta um maior incentivo à participação da comunidade na unidade escolar. Perdeu-se a importância do conceito de participação (Gohn, 2003)

Sobre a participação Bordenave (1994) diz

A participação está na ordem do dia devido ao descontentamento geral com a marginalização do povo dos assuntos que interessam a todos e que são decididos por poucos. O entusiasmo pela participação vem das contribuições positivas que ela oferece... Facilita o crescimento da consciência crítica da população, fortalece seu poder de reivindicação e a prepara para adquirir mais poder na sociedade... Graças à participação às vezes resolvem-se ainda

conflitos de uma maneira pacífica e satisfatória para as partes interessadas. (p. 12-13)

Numa perspectiva de gestão democrática, o ideal que a participação gerasse um aprendizado a quem está envolvido. Na medida em que as pessoas se organizam para participar, melhor se tornaram as decisões.

As ferramentas operatórias da participação são questões fundamentais para favorecer a si mesmas (conhecimento da realidade, organização, comunicação, educação para a participação, escolha dos instrumentos).

A participação da comunidade na escola depende dos interesses dos grupos que interagem na instituição, bem como os condicionantes materiais (condições objetivas para o desenvolvimento das relações na unidade escolar). Muitas vezes estes interesses são conflituosos. Os condicionantes institucionais têm caráter burocrático, a hierarquia distribui a autoridade, que visa estabelecer relações verticais, de mando e submissão.

Uma maneira positiva de se pensar na gestão democrática, sem desconsiderara a autoridade hierárquica seria cada um continuar exercendo sua função só que mais articulado com o outro, pensando no bem comum (ensino de qualidade), tendo responsabilidade, abrindo a escola à comunidade, deixando-a participar com aquilo que ela tem a oferecer. Deve haver uma liderança democrática. A responsabilidade deve ser social, não culpando apenas o governo (Estado), mas cada um assumindo o seu papel. (Paro, 1995).

Em um segundo ponto, faz-se preciso pensar na escola, já que falamos dos relacionamentos estabelecidos entre os atores, que mesmos sendo harmonioso, tem seus conflitos, principalmente porque o conflito é

Toda opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento, a partir disso, todos os que vivemos em sociedade temos a experiência do conflito. Desde os conflitos próprios da infância, passamos pelos conflitos pessoais da adolescência e hoje, visitados pela maturidade, continuamos a conviver com o conflito intrapessoal ou interpessoal. (Chrispino, 2007, p. 5).

É preciso entender o conflito com algo necessário, como parte das relações humanas. Ele não é ruim, foi o ser humano quem descaracterizou o seu sentido real, transformando-o em uma forma de manifestação da violência.

Ele existe como diferença de opinião ou de interesse de pessoas e para que essa situação não se torne motivo de legitimação da violência escolar, devem ser buscadas formas de mediação.

Ouvir a opinião, concepção, entre outros fatores, que cada indivíduo envolvido no processo educativo tem a respeito do que acontece na escola, do que falta, o que é bom, a tolerância, etc. são formas de mediação e reflexão do conflito. Devem-se ouvir as partes interessadas, e se possível, aproveitar todas as contribuições ou então, optar por uma resolução intermediária, que possa agradar a todos de igual maneira, buscando o bem comum. (Chispino, 2007, p. 10-12)

Para uma escola ser justa, é preciso se ter clareza dos conceitos de igualdade e de justiça escolar. Igualdade no sentido de respeito ao outro, e respeito as suas dificuldades e limites. E a justiça escolar deve prevalecer para todos, alunos, professores, coordenadores, diretores, agentes, serventes, comunidade escolar, etc.

Necessitamos repensar o papel da escola na vida de todos, principalmente para os estudantes.

Uma escola justa preservaria melhor a dignidade e a auto estima dos que não fossem tão bem sucedidos como se esperava...  
Os vencidos serão mais bem tratados quando se pensar que a escola deve educar todos os alunos independentemente de seu desempenho escolar, quando os alunos e suas famílias se associarem à vida da escola, quando os alunos forem tratados como sujeitos em evolução e não apenas como alunos engajados em uma competição. (Dubet, 2004, p. 552-553)

E para finalizar, a escola pesquisada é reconhecida por suas boas relações, poucos conflitos (de violência), pelo trabalho que é desenvolvido por sua equipe. Todos contribuem para isso. Mas sempre existem fatores que podem melhorar ainda mais todo o ambiente escolar.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G. *Confrontos na sala de aula: Uma leitura institucional da relação professor-aluno*. São Paulo: Summus, 1996a.

\_\_\_\_\_. *A violência escolar e a crise da autoridade docente*. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 47, dezembro/98.

ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BARRERE, Anne and MARTUCCELLI, Danilo. *A escola entre a agonia moral e a renovação ética*. *Educ. Soc.*, Out 2001, vol.22, no.76, p.258-277.

CAMACHO, L. M. Y. *A violência nas práticas escolares de adolescentes*. ANPED-CDROOM, GT Sociologia da Educação, 2001.

CANDAU, V. M.; LUCINDA, M. C.; NSCIMENTO, M. G. *Escola e violência*. 2ª edição – Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CHARLOT, B. *A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão*. *Sociologias.*, Porto Alegre, n. 8, 2002.

CHRISPINO, A. *Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação*. Ensaio: Avaliações Políticas e Públicas em Educação, vol. 15, nº 54. Rio de Janeiro. Jan. Mar. 2007.

CULTURA. In: WIKIPEDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/cultura>>. Acesso em: 05 jun. 2010.

DIAZ BORDENAVE, J.E. *O que é participação?* – 8ª Ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

DUBET, F.. *O que é uma escola justa?*. Caderno de Pesquisa. Dez 2004, vol.34, no.123, p.539-555.

FANTE, Cleo. Fenômeno Bullying: *Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Editora Verus, 2005.

GOHN, M. G. *Conselhos Gestores e participação sociopolítica*. 2ª Ed. São Paulo, Cortez, 2003.

GUIMARÃES, A. M. *A dinâmica da violência escolar: Conflito e ambigüidade*. Campinas: Autores Associados, 1996a.

HABERMAS, J. *Consciência moral e agir comunicativo* – tradução de Guido A. de Almeida – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

LANZONI, S.L. *Cultura Organizacional: zona de invisibilidade da gestão escolar*. Dissertação de Mestrado. Araraquara – SP. 2005.

LOBROT, M. *A favor ou contra a autoridade*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.

PARO, V. *Por dentro da escola pública*. São Paulo: Xamã, 1995.

PAULA E SILVA, J.M.A. *Cultura escolar, autoridade, hierarquia e participação: alguns elementos para reflexão*. Caderno de Pesquisa, Mar 2001, nº.112, p.125-135.

SALLES, L. M. F.; SILVA, J. M. A de P. *Diferenças, Preconceitos e Violência no âmbito escolar: algumas reflexões*. Cadernos de Educação (UFPel), v. 30, p. 149-166, 2008.

\_\_\_\_\_. *A violência no âmbito escolar: considerações sobre a violência da e na escola*. In: 31ª Reunião Anual da Anped, 2008, Caxambu, Minas Gerais. 31ª Reunião Anual da Anped Anais, 2008. p. 1-15.

SALLES, L.M.F.; PAULA E SILVA, J.M.A.; CASTRO, J.C.R.; VILLANUEVA; BILBAO, R.D. *A violência no Cotidiano Escolar*. Educação: Teoria e Prática -. 18, n. 30, jan.-jun.-2008, p. 15-23.

THOMPSON, V.A. *Moderna organização*. Hierarquia. Programa de publicações – agencia norte americana para o Desenvolvimento Internacional – Rio de Janeiro, 1967.

VALE, F. F. ; SALLES, L.M.F. . Violência na Escola: A concepção de professores e alunos. In: VIII Congresso Nacional de Educação da PUCPR- EDUCERE e III Congresso Ibero-Americano sobre Violências nas Escolas- CIAVE, 2008, Curitiba. Anais, do VIII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DA PUCPR (EDUCERE) EDIÇÃO INTERNACIONAL e III CONGRESSO IBERO AMERICANO SOBRE VIOLÊNCIAS NAS ESCOLAS com a temática FORMAÇÃO DE PROFESSORES Site: [http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/848\\_432.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/848_432.pdf).

VELHO, G. *Violência, reciprocidade e desigualdade*. In VELHO, G. ALVITO, M. (Orgs.). *Cidadania e Violência*, 2ª. ed. rio de Janeiro. Editoras UFRJ – FGV, 2000.

VIOLÊNCIA. In: DICIONÁRIO Priberam da língua portuguesa. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/violencia>> Acesso em: 05 jun. 2010.

VIOLÊNCIA. In: WIKIPEDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/violência>>. Acesso em: 05 jun. 2010.

---

R. Oliveira

Graduanda: Rianny Cristina de Oliveira

---

Prof.ª Maria Ferreira Salles

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Leila Maria Ferreira Salles